

Espiritualidade e juventude: entre a busca por sentido e os sintomas contemporâneos

Spirituality and youth: between the search for meaning and contemporary symptoms

René Dentz¹

Resumo

Este artigo aborda o mal-estar contemporâneo decorrente da centralidade do corpo e da busca incessante pela otimização da performance, que gera estresse e pânico social. O objetivo da reflexão é analisar como essa pressão resulta em uma espacialização dominante da experiência subjetiva e em respostas como a hiperatividade, explosividade e impulsividade. A hipótese levantada é que a falta de simbolização adequada e a especialização somática do corpo limitam a subjetividade, eliminando horizontes de expansão. A metodologia utilizada combina análise psicanalítica e teológica, com foco na espiritualidade contemporânea e seus desafios, como o narcisismo e a teologia da prosperidade. A conclusão aponta que o narcisismo impulsionado pelo consumismo e a estetização da existência enfraquecem os laços sociais, resultando em uma sociedade marcada pela pós-verdade, onde a emoção supera a razão, criando uma crise de autenticidade nas relações e nos rituais simbólicos.

Palavras-chave

Corpo. Juventude. Narcisismo. Sentido. Espiritualidade.

Abstract

This article addresses the contemporary malaise stemming from the centrality of the body and the relentless pursuit of performance optimization, which generates stress and social panic. The aim of the reflection is to analyze how this pressure leads to a dominant spatialization of subjective experience and triggers responses such as hyperactivity, explosiveness, and impulsivity. The hypothesis is that the lack of adequate symbolization and the somatic specialization of the body restrict subjectivity, eliminating horizons of expansion. The methodology combines psychoanalytic and theological analysis, focusing on contemporary spirituality and its challenges, such as narcissism and prosperity theology. The conclusion suggests that narcissism, driven by consumerism and the aestheticization of existence, weakens social bonds, resulting in a society marked by post-truth, where emotion surpasses reason, leading to a crisis of authenticity in relationships and symbolic rituals.

Keywords

Body. Youth. Narcissism. Meaning. Spirituality.

INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, a busca por sentido parece ser uma tarefa desafiadora, especialmente para a juventude. As antigas estruturas tradicionais de significado, como as religiões institucionalizadas, perderam parte de sua influência, deixando um vácuo que muitas vezes é preenchido por buscas individuais e pluralidade espiritual.

¹ Doutor em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professor do Departamento de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Contato: dentz@hotmail.com.

Assim, o panorama contemporâneo apresenta um desafio para os jovens na construção de suas identidades e na busca por significado. Diante da fluidez cultural e das transformações sociais, a juventude se depara com a necessidade de explorar diferentes caminhos espirituais, muitas vezes construindo suas próprias narrativas de sentido. No entanto, essa liberdade também traz consigo a responsabilidade de lidar com a ausência de respostas prontas e enfrentar o desafio de construir um significado pessoal e coletivo para a vida.

A fluidez espiritual contemporânea, marcada por uma diversidade de crenças e práticas, reflete não apenas a busca por sentido, mas também a resistência a estruturas rígidas que não dialogam com a realidade complexa e multifacetada da experiência humana. Nesse contexto, a rigidez de posicionamentos fundamentalistas pode representar uma reação ao medo do vazio existencial, uma tentativa de encontrar segurança em respostas simplificadas e dogmáticas.

Portanto, o desafio para a juventude contemporânea está em conciliar a busca por sentido com a aceitação da complexidade e da incerteza inerentes à condição humana. A pluralidade espiritual e a diversidade de perspectivas podem ser encaradas como oportunidades para enriquecer a compreensão do mundo e promover um diálogo construtivo entre diferentes visões de sentido.

Em meio a esse cenário desafiador, é fundamental promover espaços de diálogo inter-religioso e intercultural, estimulando a compreensão mútua e a construção de significados compartilhados. A educação para a tolerância, o respeito e a valorização da diversidade de crenças e práticas espirituais torna-se essencial para a formação de uma sociedade mais inclusiva e plural. Assim, a juventude contemporânea, ao enfrentar o desafio da busca por sentido em um mundo complexo e fluído, pode encontrar na abertura ao diferente e na construção coletiva de significados uma via para a promoção do entendimento mútuo, da paz e da convivência harmoniosa em nossa sociedade diversificada.

1 CORPO E PATOLOGIAS DO CONTEMPORÂNEO

Atualmente, o corpo é a instância humana que se anuncia brutalmente em sua condição de mal-estar. Imagina-se sempre que algo deve ser feito para que a performance do corpo possa melhorar, pois essa se encontra sempre aquém do desejado. Sentimo-nos sempre faltosos, deixando de fazer tudo o que deveríamos, considerando as múltiplas possibilidades oferecidas para o cuidado do corpo.

Nem Deus, nem tampouco a alma, ocupam mais lugar de destaque na cosmologia íntima do sujeito na contemporaneidade – apenas o corpo. Portanto, se o bem supremo se aloja no corpo, a saúde se transformou no nosso ideal supremo. Estamos, assim, num estado de estresse permanente (BIRMAN, 2021, p. 70).

O pânico se mostra na atualidade como uma modalidade primordial de mal-estar. Na síndrome do pânico, o sujeito reclama de uma angústia iminente de morte que o paralisa, não sendo capaz de nenhuma reação. Dessa maneira, o pânico se impõe a partir do corpo, o

Espiritualidade e juventude

assumindo por inteiro. Trata-se de uma síndrome que é desencadeada com frequência em situações sociais nas quais o sujeito supõe que está sendo avaliado. O olhar do outro é fonte de pavor. A espacialização domina inteiramente a experiência subjetiva em questão, produzindo assim um curto-circuito nos processos de temporalização da referida experiência e conduzindo o sujeito ao colapso psíquico e à certeza de morte breve.

Nesse cenário, a hiperatividade se impõe. Age-se frequentemente sem que se pense naquilo a que se visa com a ação, de forma que os indivíduos nem sempre sabem dizer o que os leva a agir. O sujeito da ação tem a marca da indeterminação. No cogito da atualidade, o que se enuncia ostensivamente é: agir, logo existir. O agir é o imperativo categórico na contemporaneidade.

É desse fundo difuso e indeterminado que se pode depreender algumas das modalidades específicas de ação nas subjetividades contemporâneas. A explosividade é o principal exemplo. Tudo se passa como se essas não conseguissem mais conter o excesso no seu território interior, para em seguida simbolizá-lo e transformá-lo numa ação adequada ao contexto em que uma dada afetação foi colocada para o psiquismo. Diante dessa impossibilidade, a descarga de excitabilidade se impõe sob a forma de manifestações emocionais incontroláveis. Dessa forma, a irritabilidade é uma constante na forma de ser das individualidades atuais.

Dessa maneira, chegamos à violência e à impulsividade. Vivenciamos uma profunda fragilidade de simbolização. Esta se inscreve na ação e como ação, que se manifesta com uma cena propriamente, antecipando o agir. Sobre esse aspecto, Lacan (1976) enunciou que existiria o sujeito na atuação, colocando este na outra cena, numa dupla posição, como encenador e personagem. Por outro lado, na passagem ao ato (como é o caso da violência), ação é brutal e direta.

O corpo especializado no registro do somático implica um mundo que se delinea e se restringe às coordenadas estritamente espaciais. O mundo se reduz ao espaço do presente, sem expansão e horizontes possíveis, sem imaginação e criação.

2 ESPIRITUALIDADE ENTRE DESEJO E FANTASIA

Danièle Hervieu-Léger, renomada socióloga da religião, lançou recentemente um livro (HERVIEU-LÉGER, 2022) que destaca os rumos do catolicismo na contemporaneidade. Nas sociedades atuais, permeadas por valores narcisistas e individualistas, observa-se uma busca por fundamentos dinâmicos ou, de forma equivalente, pragmáticos e perversos. Nesse paradigma, há o perigo de a espiritualidade assumir uma função narcisista. Dois eventos recentes intensificaram essa tendência: a pandemia do COVID-19 e as feridas expostas pelos casos de abusos sexuais.

Desde a *Conferência de Aparecida*, há uma indicação da necessidade de a Igreja se conectar com temas antropológicos contemporâneos, especialmente no que diz respeito à subjetividade e suas demandas. No entanto, a pandemia acentuou as tendências narcisistas.

Imersa na cultura do ressentimento, a subjetividade revelou-se excessivamente individualista, impedindo a abertura ao outro, com o qual frequentemente rivaliza. Portanto, torna-se difícil pedir ajuda ou fazer um apelo, uma atitude não muito bem-vista, pois expõe fraqueza e vulnerabilidade. A subjetividade contemporânea luta para transformar a dor em sofrimento, devido à escassez de possibilidades de diálogo e interlocução. Assim, o sujeito se vê lançado em um abismo, sem encontrar significado. Seu corpo busca sentidos imediatos e espaciais, fora das temporalidades que nos permitem vivenciar alteridades e nossa própria humanidade.

Embora alguns movimentos católicos proponham alentos antropológicos para os tempos caóticos, esses movimentos não necessariamente resultam em um aumento no número de fiéis. Eles desempenham o papel de motivação para os católicos já existentes. Apesar do clima de renovação, os pensamentos conservadores muitas vezes se mostram simbolicamente violentos e fundamentais na repetição, levando a insistências neuróticas e apontando para limites, especialmente na transição da juventude para a vida adulta. Nesse contexto, Hervieu-Léger destaca a coexistência de diretrizes da *Gaudium et spes* e da *Humanae vitae*, indicando desafios e incongruências a serem superados (HERVIEU-LÉGER, 2022, p. 37).

Qual seria a saída? Seria a expansão da experiência de uma Igreja como resistência, como presenciado nos tempos de Francisco. *Laudato si'* e *Fratelli tutti* são documentos que apontam e aprofundam esse caminho. Hervieu-Léger (2022, p. 52) descreve esse movimento como uma “Igreja como consciência inquieta”. Questões emergentes, como a urgência ecológica, tornam-se fundamentais para o debate teológico-pastoral nos próximos anos. Dessa forma, a Igreja se posiciona em uma escuta atenta e constante aos anseios do ser humano contemporâneo, à beira do abismo ou do colapso. Uma consciência inquieta busca interfaces hermenêuticas e conexões fundamentais.

O sistema romano leva a Igreja a medir sua unidade com base em sua uniformidade doutrinária e organizacional. Por muito tempo, essa visão de unidade foi representada por uma civilização paroquial, pelo menos formalmente homogênea. No entanto, a sociabilidade católica migra hoje para grupos afins e móveis, cada vez mais distantes do enquadramento territorial da paróquia. “O catolicismo de amanhã, em minha opinião, será um catolicismo ‘de diáspora’ ou não será” (HERVIEU-LÉGER, 2022, p. 62).

A atualização da Igreja romana ocorreu precisamente durante a revolução cultural da década de 1960. O Vaticano II foi impactado imediatamente pela grande mudança cultural vivenciada pelas sociedades modernas naquele período. Isso é exemplificado pela resposta da Igreja à revolução introduzida pelo acesso das mulheres à gestão de sua fecundidade. A encíclica *Humanae vitae*, que proibiu a contracepção, teve consequências dramáticas para a credibilidade da instituição.

Por outro lado, mudanças foram indicadas e concretizadas. A constituição de reforma da cúria romana, *Praedicate Evangelium*, de março de 2022, aponta a direção. A abordagem

sinodal deve conduzir a uma real descentralização do funcionamento da Igreja, não apenas no governo das congregações vaticanas, mas também nas dioceses e unidades pastorais.

3 GRATUIDADE X RECOMPENSA: DILEMAS DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

A visão de Deus como pura gratuidade desafia concepções tradicionais e abre espaço para um encontro pessoal e misterioso com o divino. Papa Francisco traz uma abordagem pastoral à questão da gratuidade. Ele enfatiza a importância da misericórdia e do amor incondicional de Deus. Para o pontífice, a gratuidade de Deus se manifesta de maneira especial no perdão, na compaixão e na busca pela justiça social. Ele nos encoraja a sermos agentes dessa gratuidade em nossas próprias vidas, estendendo-a aos outros por meio de gestos de generosidade e solidariedade.

Somos convidados a refletir sobre a gratuidade divina em sua totalidade, reconhecendo tanto sua dimensão pessoal e misteriosa quanto sua implicação na ação transformadora no mundo. A gratuidade em Deus é um convite para uma vida de generosidade, compaixão e justiça, trazendo esperança e transformação para aqueles que a experimentam e para o mundo ao nosso redor.

4 NARCISISMOS E PÓS-VERDADE

Também sob um olhar psicanalítico, a teologia da prosperidade apresenta problemas, pois estaria rodeada por narcisismos. Essa concepção refere-se a um conceito desenvolvido por Freud para descrever a fixação ou o amor excessivo por si mesmo. Segundo a psicanálise, o narcisismo é uma fase normal do desenvolvimento psicosssexual humano, mas quando persiste de forma patológica na vida adulta, pode levar a problemas psicológicos. O psicanalista Christopher Lasch (1979) foi um crítico social conhecido por sua análise da cultura contemporânea e do narcisismo na sociedade moderna. Lasch argumentou que a cultura ocidental estava passando por uma mudança em direção a um tipo de personalidade narcisista, impulsionada pelo consumismo e pela busca constante de gratificação imediata.

Lasch argumentava que a sociedade consumista enfatizava o individualismo e a autoestima inflada, promovendo uma mentalidade narcisista. Ele afirmava que as pessoas estavam cada vez mais focadas em si mesmas, buscando satisfação pessoal e gratificação imediata, sem se preocupar com o bem-estar dos outros ou com o impacto de suas ações na comunidade. Essa mentalidade narcisista resultava em relações sociais superficiais, falta de comprometimento e uma busca incessante por estímulos e prazeres efêmeros.

Lasch também criticava a indústria cultural e a mídia por promoverem um ideal de vida baseado na aparência, no consumo e na autoafirmação constante. Ele argumentava que a cultura do narcisismo estava minando a capacidade das pessoas de desenvolverem relacionamentos significativos, compromissos duradouros e um senso de propósito e significado na vida.

Em suas críticas ao consumismo, Lasch destacava que a busca incessante por bens materiais e o consumismo desenfreado estavam substituindo valores mais profundos, como solidariedade, responsabilidade social e autoconhecimento. Ele acreditava que o consumismo exacerbado levava as pessoas a se tornarem dependentes das coisas externas para sua satisfação e felicidade, contribuindo para uma sensação de vazio interior e insatisfação crônica.

Em suma, Lasch e sua crítica ao consumismo e à cultura do narcisismo destacaram a preocupação com os efeitos psicológicos e sociais de uma mentalidade voltada para o eu, que prioriza a gratificação imediata, a autoestima inflada e o consumo desenfreado. Ele argumentava que essa mentalidade narcisista estava enfraquecendo os laços comunitários, a solidariedade social e o desenvolvimento de relacionamentos significativos.

A teologia da prosperidade se manifesta em uma sociedade narcisista, na qual o *eu* é o centro e o *outro* a periferia, quando a gratuidade perde espaço e a recompensa e o pragmatismo são recorrentes.

Em nossos dias, quanto mais vivenciamos um mundo de interações, maiores complexidades surgem. A ordem parece se extinguir, dando lugar ao caos e ao aleatório. No entanto, o caos assusta. Diante de um cenário sem resposta em um primeiro momento, o ser humano tende a se apegar emocionalmente a um conteúdo de solução clara e rápida (mesmo que paranoica e irreal). Todo esse contexto abre enorme espaço para as paranoias. O conhecimento paranoico se fundamenta através do eu, por isso uma sociedade narcisista tende a ser uma sociedade de maior pós-verdade. Nesse contexto, é pelos olhos do outro que conhecemos o mundo; portanto, desconhecemos que somos um outro. Pelas bolhas que conhecemos e nelas nos alimentamos e validamos aquele mesmo conhecimento.

Vivemos no mundo da pós-verdade, onde o real não importa mais, mas sim aquilo que eu quero que exista. O afeto e a emoção contam mais para afirmar alguma coisa sobre o mundo do que a razão e a crítica. Esse fenômeno é presenciado mesmo em diversos campos do saber. No campo psíquico mesmo, estamos presenciando diversos métodos frágeis e rasos que propõem curas a partir de elementos místicos e mágicos, sem ter passado por uma crítica acadêmica, por pesquisa mais fundamentada. Por outro lado, podemos também chamar tudo de patologia e encontrar um medicamento para resolver. Esse fenômeno também é notado nos discursos liberais, aqueles que afirmam que todos os problemas sociais do nosso mundo seriam resolvidos pela privatização. É um processo que inclui a privatização do próprio eu e da política, pois não teria mais sentido a busca pelo bem comum, o diálogo em busca da solução de conflitos (que não existiriam mais, seria o fim da História). Um mundo ideal estaria à disposição! Nesse contexto, a tecnocracia entra em cena, um discurso ingênuo (por vezes arcaico e de caráter quase religioso), para fornecer todas as soluções. O que é mais irônico é que esses discursos surgem principalmente da Economia e do Direito. Ora, e quando, de repente, todo o discurso econômico ou jurídico não se concretizou na realidade? O que aconteceu? Então os tecnocratas dizem: “a realidade está equivocada”. Eis a paranoia! Felizmente algumas mentes

Espiritualidade e juventude

mais lúcidas, mais críticas e trabalhadoras e menos manualescas (que sustentam seu conhecimento em manuais) percebem que o caminho da Economia e do Direito é mais árduo e complexo: aquele do diálogo interdisciplinar e que reconhece as complexidades ao nosso redor.

O sujeito hoje volta suas preocupações para ele mesmo, sua imagem, por meio de um processo que podemos intitular de estetização da existência. Nele, o que importa para o indivíduo é a exaltação do seu próprio eu, unicamente. O cuidado neurótico com a própria imagem é verificado no cuidado com o corpo, seja pela imagem, seja pela busca de uma saúde inabalável. O sujeito vive essa estetização do eu através das curtidas e pela admiração contínua dos outros. “Constitui-se aqui a manipulação do outro como técnica de existência para a individualidade, maneira privilegiada para a exaltação de si mesmo. Com efeito, para o sujeito não importam mais os afetos, mas a tomada do outro como objeto de predação e gozo, por meio do qual se enaltece e glorifica” (BIRMAN, 2021, p. 180).

Na cultura do espetáculo, que é importante para o indivíduo é a exigência infinita da performance, onde o que é importa é a exaltação do eu. O sujeito se transforma em um rei ou em um mito, sendo cada um dos seus atos aplaudidos pela massa, mesmo que sejam atos mais ridículos e bizarros imagináveis.

Atualmente, o que direciona o indivíduo é a busca desesperada por soluções mágicas: terapias alternativas, drogas, vícios diversos, coachings, entre outros. Há também uma tentativa de desvendar segredos interiores praticando esportes de forma compulsiva. Há uma depredação de sua própria subjetividade, identificando-a com elementos simples, rasos, repetitivos, miméticos (aqui no sentido de padronizados). Nesse sentido, cria-se um ambiente cultural no qual não existe mais espaço para a fraternidade, a amizade, o amor genuíno, o afeto gratuito e até mesmo para o desejo em sua singularidade. O único aspecto que interessa aos sujeitos é circunscrever severamente o território medíocre de sua existência à custa do gozo predatório sobre o corpo do outro, outro que é desconhecido, sem rosto e identidade. As individualidades não se afeiçoam mais aos corpos que lhe possibilitam prazer e gozo, meras mediações que funcionam como acréscimo das suas imagens narcísicas. Dessa maneira, não se cultivam mais alguns rituais simbólicos fundamentais para a instauração da sociabilidade e à existência humana lapidada, como o nascimento e a morte.

5 A BUSCA POR SENTIDO

A juventude contemporânea vive uma insistente angústia, originada pelo fantasma da ausência de sentido; uma angústia fundante, de ser ou não ser, existir significativamente no mundo ou não. Nesse cenário, o jovem busca encontrar sentidos e, para isso, vive em estado de experimentação, tentando encontrá-los na incessante experiência, que em última instância, se mostra como uma experimentação de si mesmo. Esse panorama atual significa para a juventude ainda mais fluidez, o que pode ser bom, por um lado, pois está livre de fundamentos arcaicos, ilusórios e, muitas vezes, violentos. No entanto, porta um profundo vazio. Está o jovem fadado

a viver um constante abismo? De fato, há um índice crescente de depressão entre jovens, bem como automutilação e suicídio. A religião poderá salvá-los?

Parece que as religiões não são mais fontes de construção de sentido real (mesmo que, em muitas situações, porta ideais longínquos), sobretudo pensada como autoridade e obediência. Não vivemos mais uma sociedade vertical, mas horizontal, as relações são construídas e não impostas. Por outro lado, há um medo de se sentir desconectado neste mundo altamente conectado; “o medo de morrer cedo e de maneira violenta. É nesse tempo de incerteza que boa parcela da juventude amplia seu repertório das trajetórias religiosas possíveis” (FERNANDES, 2018, p. 13).

Fica uma questão: a religião então serviria como fuga de vazios provenientes do medo? Dessa maneira, estaria verdadeiramente preenchendo sua função de *religare* e libertação?

O investimento narcísico do jovem de hoje foi pequeno. Os pais foram ausentes (pelo menos uma grande parcela), delegaram, em grande medida, à escola a educação e o afeto. O ambiente escolar passou a ser o lugar de formação da personalidade e da relação edípica (pai-mãe-bebê). O sentimento de ausência, no entanto, é existente. Um vazio impera. Um aspecto importante na relação entre pais e filhos é o de responsabilidade. O filho necessita perceber, com clareza, que alguém se responsabiliza por ele. Quem é essa figura hoje? A escola? Os pais? Os amigos virtuais? As igrejas?

A família não é mais o lugar do afeto inicial. Vivemos, na sociedade atual, uma desconstrução da família nuclear, de um modelo de patriarcado (esse último aspecto é libertador!). Criamos instituições para fazer o trabalho do afeto infantil, aquilo que o sociólogo Pierre Bourdieu chama de “socialização primária”. A socialização secundária, que seria justamente função das instituições, passou a vir antes. A escola substituiu a família. Há um grande dilema aqui, pois a produção subjetividade veio como “desinvestimento da criança”. Presenciamos uma espécie de “narcisismo negativo” (BIRMAN, 2021, p. 18). Se a modernidade foi caracterizada por excesso de narcisismo, hoje vivemos em uma sociedade narcísica justamente porque fomos pouco investidos. Por isso, se analisarmos as formas psicopatológicas do nosso tempo, encontramos características de sofrimento a partir de ausências, advindo de seres pouco investidos, próximos à melancolia e à fuga do mundo: drogas, anorexia, depressão, compulsões, borderline (personalidades que flertam com os limites).

O que acontece com a juventude de hoje na medida em que não há um reconhecimento simbólico, é uma perda de identidade, de fronteira. A violência é uma forma de manter sua posição, seu território. Em algum sentido, é uma forma de fuga da melancolia. Violência pode aparecer como automutilação, palavras fortes contra aqueles que cruzam seu caminho e mesmo fechamento em seu mundo absoluto. Na medida em que me reconheço enquanto corpo que vejo, percebo as diferenças, as alteridades, o que sou e o que não sou. Nesse momento, é necessário a vivência de permanências iniciais. Quando não há essa vivência, apenas nos resta viver de forma experimental (BIRMAN, 2021).

Espiritualidade e juventude

Ao mesmo tempo, vivemos na era do individualismo. Nos últimos anos aumentou significativamente a oferta de produtos customizados. Na pandemia essa tendência não se apagou ou diminuiu, pois o virtual a preencheu. Interessante inclusive verificar a maior exposição de cenas e imagens mais banais no período da quarentena. O singular tem que ser imposto a todos. Estar sozinho, não aceitar vincular sua vida aos outros, é uma tendência. Há uma necessidade de que a vida gire em torno do meu gozo, por isso mesmo muitas vezes os sujeitos contemporâneos não mantêm relações. Deveríamos talvez reconstruir a ideia de união e desunião. A união poderia ser mais qualificada, refletida. A relação é uma aliança inconsciente com o outro. Há conflitos, mas não pode ter um horizonte narcísico.

Segundo a socióloga Sílvia Fernandes (2018), o jovem sem religião se apresenta multifacetado, podendo agregar em uma única identidade um posicionamento crítico e, ao mesmo tempo, flexível em relação às denominações religiosas. Daí a explicação para o número crescente de jovens que se declaram “sem religião” e sustentam espiritualidades plurais e sincréticas.

A antropóloga Regina Novaes (2018), afirma que juventude contemporânea vive um tempo em que as religiões não são mais as principais fontes distribuidoras de sentido e imagens estáveis da vida entregues de geração a geração pelas autoridades religiosas, reconhecidas como tal, o que corrobora a característica de fluidez que apontamos anteriormente.

Dessa maneira, as posições mais fundamentalistas ganham espaço, pois transmitem ideias objetivas e que dão a ilusão de preenchimento de vazio. Há uma preocupação em reproduzir suas crenças de forma incisiva, afastando qualquer possibilidade de autocrítica. Nesse momento, ficam de lado a subjetividade e a singularidade do sujeito, para dar espaço ao moralismo, à objetividade e à rigidez. A diversidade e o diferente assustam, ameaçam.

6 UM HORIZONTE DE INTERPRETAÇÃO A PARTIR DE DIÁLOGOS JUDAICO-CRISTÃOS

No clássico conto de Shel Silverstein, *The missing piece* (1976), o autor narra a história de um círculo incompleto em busca de sua peça que falta. Ao encontrá-la, o círculo descobre uma verdade profunda sobre sua busca: sua identidade é parcialmente moldada pelo que está ausente. Contrariando a crença comum, a falta não é um sinal de fraqueza, mas um elemento constitutivo da subjetividade e singularidade. Esse conceito ressoa profundamente com os desafios enfrentados pela juventude contemporânea, que muitas vezes é movida por um sentimento de angústia existencial e uma busca incessante pela autocompletude. A falta, em vez de ser algo a ser consertado, torna-se uma parte dinâmica do crescimento pessoal e espiritual.

Na espiritualidade, especialmente em tempos de crise, há uma tentação de construir ideais ilusórios e inalcançáveis. Essa tendência espelha o cenário espiritual atual, onde as estruturas religiosas tradicionais perdem espaço, e espiritualidades plurais e sincréticas surgem como respostas temporárias ao vazio. A juventude hoje frequentemente preenche essa lacuna

com posições fundamentalistas, buscando certezas em um mundo fragmentado. O conceito bíblico de “perfeição”, como visto em Mateus 5,48: “Sede perfeitos como vosso Pai celestial é perfeito”, é muitas vezes mal compreendido. A palavra grega “*telos*” é mais precisamente traduzida como “completo”, e não perfeito. Essa distinção é crucial para entender que os seres humanos não são criados como seres acabados, mas estão abertos a se tornarem completos, assim como os jovens que estão em constante evolução.

A noção de incompletude também se alinha com a narrativa de Gênesis 1, onde a abertura original da humanidade foi comprometida durante a rebelião no Éden. A subsequente busca pelo conhecimento – tanto um presente quanto um fardo – os deixou em um estado de ingenuidade, incapazes de discernir plenamente o que é tolerável ou intolerável, bom ou mau. Isso se assemelha à crise existencial que muitos jovens enfrentam hoje, ao experimentarem diversas identidades e crenças, muitas vezes inseguros sobre seu verdadeiro valor. A resposta divina, longe de ser um grito de indignação, parece refletir uma compreensão mais profunda da imperfeição humana.

Paul Ricoeur, em sua exploração da ética, aborda a erosão da tolerância, sugerindo que o problema não reside no desafio em si, mas na ausência de princípios orientadores. Para a juventude, essa erosão pode se manifestar no abandono de estruturas éticas duradouras, substituídas pela natureza efêmera da gratificação consumista e da estetização da existência. Isso se alinha à crise espiritual do nosso tempo, onde a busca pela completude muitas vezes se confunde com ideais superficiais.

Da mesma forma, as reflexões místicas de Lawrence Kushner (1997) destacam o potencial transformador dos encontros humanos, nos quais duas pessoas impactam a vida uma da outra sem saberem, sugerindo que nossa incompletude pode ser essencial para uma conexão e crescimento significativos. Isso ressoa com a busca dos jovens por autenticidade nas relações, à medida que navegam em um mundo cada vez mais isolado.

Na narrativa bíblica de Êxodo 3,14, quando Deus revela seu nome como “Ehieh-Asher-Ehieh”, o uso do tempo imperfeito aponta para a ideia de que o futuro – e, por extensão, a existência humana – é incompleto e está sempre em desenvolvimento. Essa lição eterna sobre a imperfeição reflete a condição humana: somos inerentemente incompletos, em constante evolução, e é através dessa perspectiva que podemos experimentar o divino. Para a juventude de hoje, lidando com sua própria incompletude em um mundo fragmentado, essa compreensão oferece um caminho para aceitar seu desenvolvimento contínuo, em vez de perseguir ideais inalcançáveis.

Concluindo, reconhecer nossa incompletude inerente oferece à juventude um quadro para abordar a vida com abertura e uma atitude hermenêutica, em vez de se deixar sobrecarregar pelas pressões do perfeccionismo ou pelas promessas superficiais da cultura consumista. Essa abordagem permite um envolvimento mais profundo com a espiritualidade, a autodescoberta e as conexões humanas autênticas.

CONCLUSÃO

É importante afirmar que existe uma geração de jovens que não conheceu outro caminho de espiritualidade daquele apresentado por grupos atuantes, através de mídias eficientes. O medo de perda de sentido trouxe adesão, mas pode portar também exclusão e ilusões a respeito de si e do outro, sustentando um mudo distante de dimensões do real.

O grande paradoxo da juventude contemporânea é: ela vivenciou pouco investimento narcísico, mas vive em uma cultura narcisista, repleta pela moral do individualismo. Nessa cultura, cada um existe por si e por suas ideias, vendo o outro como inimigo.

Diante da complexidade apresentada nas análises sobre as transformações contemporâneas nas relações do sujeito com o espaço, o tempo, o corpo, a espiritualidade, a busca por sentido e os desafios do narcisismo na pós-verdade, percebe-se um cenário marcado pela fluidez, pela busca incessante por significados e pela emergência de novos paradigmas.

A contemporaneidade revela um espaço onde o corpo assume uma centralidade inédita, tornando-se o epicentro das preocupações e cuidados. Nessa dinâmica, a cultura do narcisismo se instaura, impulsionada pela exposição excessiva da imagem e pela busca constante por validação social. A sociedade do espetáculo, conforme analisada por Guy Debord, manifesta-se, consolidando a imagem como mercadoria e obscurecendo as verdadeiras relações humanas.

No contexto da espiritualidade, percebe-se uma transformação nas motivações e expressões religiosas, com a pandemia e os casos de abusos sexuais intensificando uma tendência narcisista e individualista nas sociedades contemporâneas. A necessidade de repensar a atuação da Igreja, como propõe Danièle Hervieu-Léger, surge como um desafio frente aos dilemas éticos e morais do presente.

A análise da teologia da prosperidade revela a presença do narcisismo, especialmente quando considerada a crítica de Christopher Lasch à cultura consumista, que promove uma mentalidade voltada para o eu, o individualismo exacerbado e a busca por gratificações imediatas. Nesse contexto, a pós-verdade emerge como um fenômeno, refletindo uma sociedade que prioriza a emoção sobre a razão, a imagem sobre a realidade.

A juventude contemporânea, em sua busca por sentido e identidade, enfrenta desafios significativos, marcados pela fluidez das relações, pela ausência de investimento narcísico adequado na infância e pela desconstrução da família nuclear. A violência, muitas vezes, surge como uma resposta à melancolia resultante dessa falta de reconhecimento simbólico e de fronteiras claras.

Diante desse panorama, torna-se evidente a necessidade de repensar os paradigmas que guiam a sociedade atual. O individualismo desenfreado e a busca incessante por gratificação imediata precisam ser confrontados com uma abordagem mais reflexiva e coletiva. A construção de significado e a busca por sentido devem ser encaradas como desafios compartilhados, promovendo o diálogo interdisciplinar, a solidariedade e a valorização das relações humanas genuínas. Nesse sentido, a reflexão sobre as transformações contemporâneas

sugere a urgência de uma abordagem mais holística e integrada, capaz de resgatar o equilíbrio entre o individual e o coletivo, o emocional e o racional, o instantâneo e o duradouro. ✨

REFERÊNCIAS

BIRMAN, Joel. **O sujeito na contemporaneidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

EDELHEIT, Joseph. **What am I missing?** Questions about human being. Nova York: Wipf and Stock, 2020.

FERNANDES, Sílvia. Trajetória religiosa de jovens sem religião – algumas implicações para o debate sobre desinstitucionalização. **Interseções**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 369-387, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/intersecoes/article/view/39029/27508>. Acesso em: 3 maio 2024.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **Vers l'implosion?** Paris: Seuil, 2022.

KUSHNER, Lawrence. **Honey from the rock visions of Jewish mystical renewal**. São Francisco: Harper and Row, 1977.

LACAN, Jacques. **Le séminaire, livre X: l'angoisse**. Paris: Seuil, 1976.

LASCH, Christopher. **The culture of narcissism**. Nova York: Warner Barner Books, 1979.

NOVAES, Regina. Juventude e religião, sinais do tempo experimentado. **Interseções**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 351-368, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/intersecoes/article/view/39020/27507>. Acesso em: 3 maio 2024.

SILVERSTEIN, Shel. **The missing piece**. Nova York: Harper Collins, 1976.

Recebido em: 07/05/2024.

Aceito em: 11/11/2024.